

## INSTRUMENTOS DE PAZ

Fr. Flávio Pereira Noletto OFM<sup>1</sup>

*“A educação para a paz é uma celebração da vida. Não eliminará o conflito, mas o conflito poderá converter-se no impulso criativo para resolver, cooperativamente, os problemas, capacitando a nova geração de jovens para saber abordar, de forma construtiva, a guerra, a pobreza, a fome, o racismo, a degradação ambiental e a injustiça” (Alice Friedman).*

### Resumo

O presente artigo faz uma abordagem sobre a paz ressaltando os pontos de vista de São Francisco de Assis, fundador da ordem franciscana, grande defensor da harmonia entre os seres criados e promotor da paz. Trata de aspectos da vida d grande santo ressaltando sua ação em busca da harmonia entre os homens e entre esses e os seres naturais.

Palavras-chave: Paz; criaturas de Deus; São Francisco de Assis; Meio ambiente.

## INTRODUÇÃO

São Francisco, “o santo da encarnação”, deu a seus irmãos e seus contemporâneos um exemplo sem igual de como se pode ser arauto do evangelho, com palavra e ação, através de um compromisso com a justiça e a paz em harmonia com a criação. Não podemos ser arautos do evangelho, se a cada momento não estamos abertos à conversão, reconciliados com nós mesmos, com os irmãos e com toda a criação, que foi colocada sob os nossos “cuidados” (Gênesis 2,15).

Os atuais meios de comunicação social, tais como a imprensa, o rádio e a televisão, comprovam facilmente como os homens, bem como toda a criação, vivemos sob “uma sombra de morte” (Lc 1, 79) e, portanto, necessitamos “do sol que nasce do alto” (Lc 1,78). Existe uma estreita relação entre a destruição do meio ambiente e o crescente empobrecimento de muitos homens do nosso mundo, e vice-versa. A abundância de desertores, levados pelo medo de perder a vida e em busca de uma existência plena, não pára, mas ao contrário aumenta cada vez mais. A procura da satisfação imediata das necessidades subjetivas não respeita o anelo que muitos sentem de legar às gerações futuras um mundo onde vale a pena viver. Será difícil dominar e segurar as rédeas e a

---

<sup>1</sup> Frade franciscano, Doutor em Educação, professor da Faculdade Católica de Anápolis.

união global de uma vida ameaçada por uma atividade que tem como guia e princípio o desenvolvimento constante e progressivo a qualquer custo.

### **UMA NOVA QUALIDADE DE RELACIONAMENTO**

O próprio Francisco conta em seu testamento a radical mudança que teve em sua vida (Teixeira, 2009: 188):

O Senhor deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: pois, como estivesse em pecados, parecia-me demasiadamente amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles e tive misericórdia com eles. E, afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo, se me converteu em doçura da alma e do corpo; e, em seguida, me detive por um pouco e saí do século.

Detenhamo-nos um instante nesta transformação. A partir daí tudo começou. Francisco não hesitava em apresentar a sua conversão como uma abertura para uma nova presença entre os homens e no mundo. Seu mundo explodiu. Agora, ele é capaz de dirigir-se àqueles dos quais até então se mantinha afastado, aqueles que ele não queria ver e os que excluía de seu próprio mundo.

Francisco descobriu o olhar misericordioso de Deus para com o homem. E este olhar o fez mudar: passou da vontade de conquistar e de dominar a uma atitude de compaixão e de comunhão. Seu mundo se abre para os mais deserdados. No passado já dava esmola aos pobres, mas o fazia a partir de sua superioridade de jovem burguês rico. Os desamparados não faziam parte do seu mundo dourado.

Agora um muro caiu. Francisco vê o mundo de outra forma. Agora o descobre a partir deste amor imenso que se manifestou nele. Agora a questão não é de conquistar o mundo, mas de acolhê-lo e de comungar com todos os seres e, desta forma, converter-se, como seguidor de Jesus, em irmão de todos e, em primeiro lugar, dos mais humildes e dos mais pobres.

Um dia, quando assistia à missa na capela de Nossa Senhora dos Anjos, na Porciúncula, ouviu a passagem do Evangelho na qual o Mestre envia seus discípulos em missão: “não leveis ouro nem prata... na casa onde entrardes, dizei ‘Paz para esta casa’...”. Isto ilumina o coração de Francisco. Descobriu a sua vocação, sua missão. Como os discípulos, ele se vê enviado a anunciar a grande paz messiânica. Irá para os homens, “sem ouro nem prata nem moedas” (Mt.10,9), sem nenhum símbolo de poder ou riqueza, com a única missão de anunciar a paz. Para cumprimentar, escreve em seu Testamento, o Senhor me revelou que devemos dizer: que o Senhor vos dê a sua paz. Ele se apresentará não

como um conquistador, mas como um amigo, um homem de paz. E onde quer que vá, esforçar-se-á em transformar toda e qualquer hostilidade em atração fraterna no interior da unidade da criação. Será um construtor de paz, um criador de comunhão entre os seres, entrando em comunhão ele mesmo com todos, com grande humildade.

### **Mensageiro de paz**

Voltando as costas para as guerras santas e os senhorios de Igreja, Francisco dedica-se a percorrer o país, fazendo chegar a todos a sua saudação: “Paz e Bem”. Convida os homens a se reconciliarem, a viverem como irmãos. Desta maneira, em Bolonha, diante de toda cidade reunida em praça pública, seu discurso gira em torno do dever de apagar os ódios e fazer um novo tratado de paz. Em Arezzo, expulsa os demônios da discórdia. E quando na sua própria cidade de Assis estala o conflito entre o bispo e o prefeito, não pára enquanto não reconcilia os dois.

E esta força era contagiosa. Com efeito, desde muito cedo Francisco já não estava só. Dezenas e, mais tarde, centenas de jovens e dos não tão jovens se unem a ele e querem seguir seu exemplo. E não demora muito em serem dezenas de milhares.

### **Criador de fraternidade**

A fraternidade! Eis o que procuramos. É o rosto desta paz que Francisco anuncia. Um grande movimento fraterno levanta-se onde ele passa. Este movimento respondia a um anelo, a uma aspiração profunda do seu tempo. Pairava no ar a ideia de associação e de fraternidade.

As pequenas fraternidades, tanto as de irmãs como de irmãos, multiplicaram-se rapidamente na Itália e, em seguida, em toda a Europa ocidental. Apresentavam-se como lares de paz e reconciliação.

### **Na dimensão da humanidade**

A visão de Francisco não se detinha na Cristandade, mas ia muito além. Queria reunir toda a humanidade numa fraternidade universal. No entanto, naquela época, o mundo estava dividido em dois blocos: de um lado, a Cristandade ocidental, e do outro, o Islã. E entre dois blocos a guerra, a guerra santa: a cruzada. Francisco não podia admitir esta ruptura e projetou estender uma ponte entre estes dois blocos. O momento não era favorável para uma empresa tão ambiciosa. A Quinta cruzada estava no seu apogeu. Mas,

mesmo assim, Francisco decide visitar o sultão do Egito (um sonho impossível). Inacreditável, ele é recebido com grande cortesia em plena cruzada por Al-Malik al Kâmil, o chefe muçulmano. Ambos se trataram com respeito e estima. Que mais se podia esperar? Isto já é muito, muito e pouco, ao mesmo tempo. A missão de paz do pobre de Assis esbarrava neste ponto com um limite.

### **A experiência do limite e da profundidade**

Efetivamente, não era suficiente desejar as fraternidades entre todos os seres para voltar a recuperar “a unidade da criação”. Antes de tudo, era necessário aprender a desejar esta fraternidade com um coração pacificado, com um coração que não se deixasse perturbar com nada, quer dizer, com um coração de pobre. Não era suficiente amar, tinha que aprender a ser pobre, até mesmo de amor.

Contudo, tudo parecia sorrir e sair-lhe bem. O número de irmãos não parava de crescer. Mas rapidamente uma nuvem sombria encobriu o céu. Surgiram graves discórdias no seio da fraternidade. Diante do crescente número de irmãos, impunha-se uma organização mais rigorosa. Era necessário pôr fim a uma certa situação de vagabundagem. Eram necessárias casas e tempo de formação. Nem todos estavam de acordo com a nova orientação. Francisco dava-se conta perfeitamente que não se podia viver a vida evangélica da mesma maneira com cinco mil irmãos como com doze. Mas também percebia que em alguns irmãos bastante influentes surgia a vontade de que a fraternidade tomasse o rumo das ordens monásticas melhor instaladas. Mas, de acordo com Francisco, era necessário salvaguardar, sobretudo o ideal de simplicidade e de liberdade evangélicas, bem como a nova presença no mundo, sob o signo da comunhão fraterna com os mais humildes.

Foi quando uma profunda angústia o invadiu. Não iria a fraternidade desviar-se de sua vocação original ao querer adaptá-la? Via a sua obra comprometida, controlada por outros que não compartilhavam o seu espírito.

### **Um homem pacificado**

Retirou-se para a solidão de um eremitério para esconder a sua tristeza e inquietação. O perigo consistia em que se encerrasse no isolamento e na amargura. Deus o espera aí, convidando-o para sua suprema purificação. Tinha que desapropriar-se de sua obra para converter-se ele mesmo na obra de Deus, não considerar a sua Ordem (grupo que iniciou com o nome de irmãos da penitência) como algo exclusivamente seu, mas de Deus.

A partir deste momento, ele podia entregar-se à sua missão de paz com um coração pacificado, com uma alma iluminada. O importante não era fundar uma fraternidade exemplar e sim ser ele mesmo um homem fraterno, transmissor da bondade do Pai. Agora Francisco podia escrever a ciência certa: “São verdadeiramente pacíficos os que de tudo quando padecem neste século conservam a paz na alma e no corpo por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo” (TEIXEIRA, 2009, p.101).

### **A unidade da criação**

A partir de agora nada mais limita o olhar de Francisco, nada se opõe à ação do Espírito nele, ele é livre como o vento. É, então, quando escreve uma carta “a todos os fiéis”, desejando-lhes “a verdadeira paz do céu”. Isto nos dá uma idéia da altura de suas expectativas. Não quer somente unir todos os homens na paz, mas quer estender esta paz a toda a criação, reconciliando o homem com a natureza. Este desejo de presença fraterna no mundo encontra a sua expressão no “Cântico do irmão Sol” ou “Cântico das Criaturas” (TEIXEIRA, 2009, p. 104):

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra e toda benção. Só a ti, Altíssimo, são devidos; e homem algum é digno de te mencionar. Louvado sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão Sol, que clareia o dia e com sua luz nos alumia. E ele é belo e radiante com grande esplendor: De ti, Altíssimo, é a imagem. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas, que no céu formaste claras e preciosas e belas. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento, pelo ar, ou nublado ou sereno, e todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento. Louvado sejas, meu Senhor pela irmã Água, que é mui útil e humilde e preciosa e casta. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo pelo qual iluminas a noite. E ele é belo e jucundo e vigoroso e forte. Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a mãe Terra, que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas. Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor, e suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados os que as sustentam em paz, que por ti, Altíssimo, serão corados. Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal, da qual homem algum pode escapar. Ai dos que morrerem em pecado mortal! Felizes os que ela achar conformes à tua santíssima vontade, porque a morte Segunda não lhes fará mal! Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade..

Este cântico que Francisco compôs no ocaso de sua vida é um verdadeiro testamento espiritual. Expressa um grande impulso de louvor. O pobrezinho louva a Deus por todas as suas criaturas. Este louvor tem o esplendor do sol, a doce claridade das estrelas, as asas do vento, a humildade da água, o ardor do fogo e a paciência da terra.

Celebra a beleza do mundo. Neste cântico, encontramos três vezes o adjetivo “belo”. Este louvor cósmico inscreve a mais pura tradição dos cantos bíblicos e dos salmos. Mas aqui se acrescenta algo novo: um desejo de comunhão fraterna. Francisco confraterniza com as criaturas e, recusando qualquer espírito de dominação, a todas acolhe como irmãos e irmãs, associando-as a seu mais alto destino. Francisco se eleva com todas elas até Deus no louvor.

Esta comunhão fraterna com as criaturas não é pura sensibilidade nem um sonho vão. Como também não se opõe à valorização dos recursos naturais e à sua utilização pelo homem. Até podemos dizer que, segundo Francisco, os elementos materiais são tanto mais fraternos quanto maior for o serviço que prestam ao homem. Ao mesmo tempo em que celebra a sua beleza, celebra sua utilidade, saúda a irmã água como “muito útil”. Faz o mesmo com o irmão Vento, cujo alento é vida, ou a nossa irmã a mãe Terra, que nos alimenta, produzindo toda espécie de frutos.

Existe nesta comunhão fraterna com as criaturas um grande amor pela vida que se une ao amor do criador por sua obra. Daqui é que procede, o respeito religioso que Francisco tem por tudo o que vive e existe. Recomenda aos seus irmãos que vão cortar lenha no bosque não deixar atrás deles um deserto, e sim permitir que a vida volte a brotar em novas e frondosas árvores. Condena qualquer tipo de ganância humana que viole a terra e torture a vida. Quantas e quantas vezes devolveu a liberdade a animais capturados inutilmente.

### **Além de qualquer conflito**

O homem que confraterniza com as criaturas, ao mesmo tempo, se abre para tudo o que elas simbolizam; irmana-se com este lado escuro de si mesmo que está submerso na natureza: com seu corpo e todas as suas forças vivas. Francisco não despreza nada, mas tudo assume no seu desejo que o impulsiona para Deus. Sua vida espiritual não se desenvolve num mundo à parte. Ele vai para Deus com suas raízes cósmicas, com “nossa irmã a mãe Terra que nos sustenta e governa”. Com isto, fica superada toda e qualquer dualidade. As forças ocultas da vida são transfiguradas, transformando-se em forças de luz, e perdem o seu caráter amedrontador. O lobo é domesticado, e não somente o lobo que corre através do mato, mas também e, sobretudo, aquele que se esconde dentro de cada um de nós. A agressividade da vida transforma-se em força de amor. É esta força que ele canta no “irmão Fogo que ilumina a noite; é belo e alegre, indomável e forte”.

Em paz consigo mesmo, o homem pode confraternizar-se com todos os seus semelhantes. Francisco quis acrescentar ao seu louvor às criaturas o louvor ao homem do perdão e da paz. Saúda a este homem como a coroação de toda a obra criadora. (TEIXEIRA, 2009p.105). “Louvado sejas meu Senhor por todos os que perdoam por teu amor, pelos que suportam provações e enfermidades: felizes serão se conservam a paz, pois por Ti, Altíssimo, serão coroados”.

O cântico das criaturas é a linguagem de um homem aberto ao ser total, nascido para uma personalidade plena em quem as forças da vida e do desejo se integraram, se converteram em forças de amor e de luz. Isto confere à vida espiritual de Francisco sua plenitude e, ao mesmo tempo, um caráter resplandecente.

Francisco descobre o sentido luminoso da criação a partir de uma experiência interior que traz uma nova origem. “Aparecia como um homem novo e do outro mundo” (TEIXEIRA, 2009, p. 253). Seu Cântico não é somente uma vibrante homenagem ao criador. Também é a celebração de um devir. Canta a nova criação no próprio coração do homem fraterno.

## **Paz**

Do mesmo modo, sendo verdade que o jovem Francisco desejava tornar-se um guerreiro, a partir de sua conversão foi assim o mais ardente promotor da paz, e isto num tempo em que não somente o “mundo”, mas também a Igreja recorria à violência, por exemplo, nas Cruzadas. O primitivo movimento franciscano foi conhecido como uma “delegação de Paz” (TEIXEIRA, 2009 p. 213). Francisco afirmava que a violência deleitava os corações dos demônios e fez um exorcismo sobre a cidade de Arezzo, desgarrada pelos conflitos, porque considerava a violência como um sinal da possessão diabólica. Francisco estava convencido de que foi o Senhor quem lhe revelou a saudação de paz em seus escritos; os vícios, sobre os quais chama mais atenção, são os que destroem a paz na gente e nos demais: a arrogância, a vaidade, os ciúmes, a altivez, a difamação, um espírito que não perdoa. No seu leito de morte, Francisco reconciliou dois grandes inimigos, o Bispo e o Prefeito de Assis. Foi um homem de paz até o fim; morreu, literalmente, fazendo a paz. O “espírito de Assis” é um espírito de paz. Por isso, quando o Papa João Paulo II quis reunir todos os líderes das religiões mundiais para rezar pela paz, convidou-os para Assis.

São Francisco de Assis fala-nos a nós hoje como o fez com seus seguidores:

Que a paz que anunciais hoje com palavras, a tenhais em maior medida em vossos corações. Que ninguém se sinta provocado por vós para a ira ou o escândalo, mas que por vossa mansidão todos sejam induzidos à paz, à benignidade e à concórdia. Pois, para isto fomos chamados: para sarar os feridos, vendar os machucados e para corrigir os que estão no erro. (SILVEIRA, 1989, p.58)

### **Integridade da criação**

O movimento ecológico é um dos sinais de nossos tempos. Cada vez aumenta mais o número de pessoas que consideram os temas ecológicos como uma questão de justiça fundamental para as futuras gerações em que a crise ecológica é um problema moral.

Violamos a confiança do Gênesis. Impusemos o conceito de domínio e subjugação e perdemos o conceito do cuidado. O modo como estamos tratando o mundo é insustentável. Nossa evidente obrigação de continuar agitando-nos pelo que freqüentemente nada mais é do que uma desenfreada busca de prosperidade material tem que ser considerada como algo inaceitável para uma pessoa moral. O superconsumismo e esbanjamento, sobretudo em países ricos, são as causas principais da destruição do meio ambiente. Isto exige de nós uma séria conversão, ou seja, mudança de atitudes.

Nós, Franciscanos, não temos a experiência científica para resolver a crise ecológica, mas temos uma visão de respeito para com a criação, e esta atitude é a chave para resolver a crise ecológica. Por estes motivos muitos homens de ciência propõem hoje que religião e ciência se unam e colaborem de tal maneira que o movimento ecológico possa ter uma “alma”.

São Boaventura expressa de forma maravilhosa a visão mística que Francisco tem da criação:

Impelidos por todas coisas ao amor de Deus, ele se rejubilava em todas as obras saídas das mãos do Criador, e graças a esse espetáculo que constituía a sua alegria, remontava Àquele que é a causa e razão vivificante do universo. Numa coisa bela sabia contemplar o Belíssimo e seguindo os traços impressos nas criaturas, por toda parte seguia o Dileto. De todas as coisas fazia uma escada para subir até Aquele que é todo encanto”. (SILVEIRA, 1989, p. 9).

Numa simples frase, Boaventura expressa a visão de Francisco bem como a sua própria visão, toda criatura é palavra de Deus, porque fala de Deus. Por razões óbvias, o Papa João Paulo II declarou São Francisco o Santo Padroeiro de todos os que se preocupam pelo bem estar ecológico. O reiterado desafio de João Paulo II (1979) presta-se bem para concluir esta parte: “Pedimos-vos encarecidamente que respeiteis o ser humano



que foi feito à imagem de Deus. Evangelizai para que isto se torne uma realidade, e assim o Senhor pode transformar os corações e humanizar os sistemas políticos e econômicos”.

### **Uma ação a favor da justiça na paz e a favor da paz na justiça**

É preciso mostrar que lutar pela justiça na paz e pela paz na justiça é uma tarefa cheia de riscos, exposta a mil desencontros. Quem quiser ser instrumento de justiça e de paz deverá aprender a assumir a complexidade e a incerteza, inclusive a ambigüidade e o erro. Haverá de aprender a abordar os conflitos sem compactuar com nenhuma injustiça e sem ceder a nenhum sentimento de ódio e rancor, e isto requer uma grande liberdade e uma grande fortaleza de espírito. Mas esta fortaleza não é propriedade de super-homens, mas daqueles que se reconhecem pobres e perdoados, indigentes e agraciados.

### **Integridade da criação, justiça e ecologia**

O profundo amor de Francisco a Deus e a toda a sua criação está vigorosamente expresso no Cântico das Criaturas. Diz Celano:

Numa obra qualquer cantava ao artífice de todas as obras; Louvava o Criador em todas as suas obras e sabia atribuir os atos a seu Autor. Exultava em todas as obras das mãos do Senhor e enxergava a razão e a causa vivificantes através dos espetáculos que lhe davam prazer. Nas coisas belas reconhecia aquele que é o mais belo, e que todas as coisas boas clamavam: “Quem nos fez é ótimo” (SILVEIRA, 1989, p.165).

Boaventura acrescenta: “... de todas as coisas fazia uma escada para subir até Aquele que é todo encanto”. (SILVEIRA, 1989, p. 9)

Aos frades que cortavam lenha proibia arrancar a árvore inteira; pedia aos jardineiros que sempre deixassem um pouco de erva ao redor dos jardins; dizia que, no inverno, se devia deixar na intempérie uma provisão de mel e vinho para as abelhas; e chamava de “irmãos” a todos os animais. Toda aquela fonte de bondade, que vai ser tudo para todos, já iluminava tudo em tudo para este santo sobre as mãos de Francisco; um falcão lhe anunciava a hora da oração, um faisão fez amizade com ele, e uma cigarra cantava seus louvores ao Criador. No Natal, queria que se desse aos bois e asnos uma ração especial de grãos e de feno, e que se espalhassem grãos pelos caminhos para alimentar os pássaros, especialmente as andorinhas. Os companheiros de Francisco diziam:

pudemos apreciar como encontrava em quase todas as criaturas um motivo de alegria íntima, que se manifestava exteriormente; como as acariciava e contemplava amorosamente como se seu espírito não estivesse na terra, mas no céu. ( SILVEIRA, 1989, p. 88).

A reflexão sobre a ecologia entrou numa nova fase, superando definitivamente o momento da simples conservação e preservação da natureza. Atualmente considera o meio ambiente em suas múltiplas relações, abarcando tanto o meio ambiente natural como a cultura e a sociedade humana. Numa perspectiva integral, a ecologia social põe de manifesto as possíveis relações entre os seres vivos e não vivos, naturais e culturais e nos oferece os elementos básicos para um restabelecimento do equilíbrio dinâmico de todo o ecossistema. A questão da justiça ecológica se insere nesta investigação sobre o equilíbrio de todo o ecossistema. Nós poderíamos perguntar se o respeito dos direitos do homem considera também os direitos da terra e vice-versa. Em outros termos, em que medida está ligada a justiça social à justiça ecológica e como nosso compromisso a favor da justiça e da paz considera também a salvaguarda da criação.

### **O universo é um todo**

Francisco tem uma visão integral da vida. O universo criado na harmonia e para a harmonia é semelhante a uma grande família cujos elementos são independentes em sua variedade e formam uma única fraternidade universal. Esta concepção da unidade do mundo está profundamente enraizada na visão bíblica da criação. O próprio homem foi criado da terra, e o seu nome, Adão (*Adamah*) lembra sua origem terrestre. E por meio “da morte corporal, da qual nenhum ser vivente pode escapar” (Cântico do Irmão Sol, TEIXEIRA, 2009, p. 105) voltará um dia à mãe Terra que o viu nascer ao sol, conforme a lei eterna da vida de todas as criaturas. A comunhão do homem com a natureza se faz tanto na vida como na morte (cf. Gênesis 1-3).

Esta concepção é contrária às diferentes metafísicas filosóficas e aos fundamentalismos religiosos, que colocam um forte acento no sobrenatural em detrimento do natural.

Por conseguinte, o homem deve estender a ética e a justiça à natureza, a todos que habitam a terra, pelo menos por interesse do próprio homem, uma vez que, destruindo o meio ambiente, destrói seu próprio *habitat*. Os bens da criação não se reduzem aos estreitos interesses econômicos do homem; estão destinados para a harmonia de todos os seres. “Viu Deus tudo o que havia feito, e viu que estava tudo muito bom” (Gênesis 1,31). O adjetivo “bom” deve ser entendido aqui no sentido global, onicompreensivo, quer dizer,

ontológico, moral, vital, estético, e não unicamente no sentido exclusivo do bem econômico.

### **Respeito à diversidade**

Para Francisco, cada coisa e cada ser humano possuem seu próprio valor intrínseco, uma individualidade que é preciso respeitar e amar. Pedras, plantas, aves do céu, vermes da terra, leprosos e mendigos da rua etc, todas as criaturas de Deus têm direito à existência e nenhuma delas nos pertence completamente, são “diferentes”, “outras”, distantes e, por conseguinte, não sujeitas a nosso domínio.

Uma espiritualidade ecológica franciscana nos coloca frente ao permanente desafio de ultrapassarmos a nós mesmos para entrarmos na comunidade universal de todos os seres. Nossa vida, assumida nos seus complexos relacionamentos com o universo, alargará nosso sentido de responsabilidade para com nós mesmos e para com os demais. Isto exige uma atitude inclusiva de todos os seres que encontramos em nosso caminho, incluídos os do mundo natural, e, ao mesmo tempo, uma visão contemplativa e de assombro diante da diversidade e a singularidade misteriosa de cada um deles. Inclusão sem apropriação alguma, solidariedade, mas com profundo respeito pela diversidade.

### **Dois pensadores e uma prece**

O grande mestre humanista e discípulo da verdade, Mahatma Gandhi, nos disse: (CONFERÊNCIA, 2000, p. 287)

Querendo alcançar a paz no mundo, devemos começar pelas crianças. Elas, crescendo em sua inocência natural, não precisaremos que aprovar estéreis resoluções ideais, mas caminharemos de amor em amor e de paz em paz, até que, finalmente, todos os rincões do mundo estejam saciados de paz e de amor pelo que, consciente ou inconsciente, desfalece de fome o mundo inteiro.

E Albert Einstein (CONFERÊNCIA, 2000, p. 288) com toda sua inteligência nos comove ao dizer com firmeza o que pensa sobre as guerras e a educação:

... As nações cresceram com metas equivocadas. Nossos livros de texto glorificam as guerras e encobrem suas cruéis atrocidades. As crianças são doutrinadas com ódio. Eu preferiria aprender paz em vez de ódio, amor em lugar de guerra. Os livros de textos devem ser re-escritos. Em lugar de perpetuar os velhos conflitos e preconceitos, os sistemas educacionais devem imbuir-se de um espírito novo. Nossa educação inicia no berço: as mães de todo o mundo têm a responsabilidade de transmitir a seus filhos a sensibilidade e o valor da paz duradoura.

Enfim deixo uma oração dos Hindus que chamamos de “Hinos das Vedas” (CONFERÊNCIA, 2000, p. 391):

Que Deus onipotente, amigo de todos, seja favorável à nossa paz. Que o juiz divino seja quem nos dá a paz. Que o Supremo guardião de todos, nos dê a paz. Que o Senhor de toda a potência e riqueza, o Mestre de todo o criado, seja favorável à nossa paz. Que o Deus onipotente, de incomensurável dignidade, seja o Doador da paz para nós.

Ó Senhor, Deus, onipotente, que haja paz nas regiões celestiais. Que haja paz na terra. A água esteja tranqüila. A erva esteja sadia, os seres benéficos. Que a lei de Veda traga paz para todo o mundo. Que todas as coisas sejam fonte de paz para nós. Que a Tua própria paz difunda paz para todos e que esta mesma paz desça também sobre mim.

## CONCLUSÃO

A leitura da obra de São Francisco de Assis mostra ser possível um mundo onde reine a paz entre os homens, a paz entre os homens e o meio ambiente e a paz entre os homens e os animais, criaturas de Deus.

No mundo atual, com tanta tecnologia ao alcance da maioria, é inconcebível ainda a existência da violência que tira vidas, destrói o meio ambiente e torna o universo, que saiu das mãos do Criador como muito bom, um lugar inócuo para a vida.

É possível, sim, um mundo de paz, não a paz através de guerras, de armas, mas a paz verdadeira, aquela que nos foi dada por Jesus Cristo, que disse: Deixo-vos a paz, não a paz que o mundo dá, mas a verdadeira paz.

## ABSTRACT

This paper presents an approach about peace highlighting the views of St. Francis of Assisi, founder of the Franciscan order and strong advocate of harmony between created beings and peacemaker. These aspects of life of great saint highlighting its action in search of harmony between men and between these and natural beings.

Keywords: Peace; creatures of God, St. Francis of Assisi; Environment.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 6ª impressão. São Paulo: Edições Paulinas: 1993.

CONFERÊNCIA, Frades Menores do Brasil. *Instrumentos de Paz*. Petrópolis: Vozes e São Paulo: Loyola: 2000.

EHRlich et cols. *Human ecology: problems and solutions*. São Francisco: W. H. Freeman: 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1970.

PAULO II, Papa João. Documento de Puebla. Petrópolis: Editora Vozes: 1979.

SILVEIRA, Idelfonso e REIS, Orlando. *Francisco de Assis Escritos e Biografias de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Editora Vozes: 1989.

TEIXEIRA, Marcio Celso. *Escritos de São Francisco*. Petrópolis: Editora Vozes: 2009.